

A SITUAÇÃO DA CLASSE  
TRABALHADORA NA INGLATERRA



Friedrich Engels

A SITUAÇÃO DA CLASSE  
TRABALHADORA NA INGLATERRA

segundo as observações  
do autor e fontes autênticas

Tradução  
B. A. Schumann

Supervisão, apresentação e notas  
José Paulo Netto

Copyright da tradução © Boitempo Editorial, 2007, 2010  
Traduzido do original alemão: *Die Lage der Arbeitenden Klasse  
in England*. Leipzig, Otto Wigand Verlag, 1845.

*Coordenação*  
Ivana Jinkings

*Supervisão, apresentação e notas*  
José Paulo Netto

*Editores*  
Ana Paula Castellani e João Alexandre Peschanski

*Assistência editorial*  
Ana Lotufo Valverde

*Tradução*  
B. A. Schumann

*Revisão*  
Edison Urbano e Mariana Echalar

*Editoração eletrônica*  
aeroestúdio

*Capa*  
Antonio Kehl  
sobre desenho de Loredano

*Produção*  
Marcel Iha e Paula Pires

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

E48s

Engels, Friedrich, 1820-1895

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra / Friedrich Engels ; tradução B. A. Schumann ;  
supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo : Boitempo, 2010.  
388p. : il. -(Mundo do trabalho ; Coleção Marx-Engels)

Tradução de: *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England*  
"Segundo as observações do autor e fontes autênticas"

Anexos

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-7559-104-8

1. Trabalhadores - Inglaterra. 2. Grã-Bretanha - Condições econômicas - 1760-1860. I. Título. II. Série.

10-2526.

CDD: 331.0942

CDU: 331(420)(09)

---

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer  
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do novo acordo ortográfico,  
com exceção das citações, cuja grafia original foi mantida

BOITEMPO EDITORIAL  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Pereira Leite, 373  
05442-000 São Paulo SP  
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869  
e-mail: editor@boitempoeditorial.com.br  
site: www.boitempoeditorial.com.br

## SUMÁRIO

Nota da editora.....	7
Apresentação .....	9
ÀS CLASSES TRABALHADORAS DA GRÃ-BRETANHA .....	37
Prefácio .....	41
Introdução.....	45
O proletariado industrial .....	63
As grandes cidades .....	67
A concorrência.....	117
A imigração irlandesa .....	131
Resultados.....	135
Os diferentes ramos da indústria: os operários fabris em sentido estrito.....	173
Os outros ramos da indústria.....	223
Os movimentos operários.....	247
O proletariado mineiro .....	275
O proletariado agrícola .....	293
A atitude da burguesia em face do proletariado.....	307
ANEXOS	
Dados suplementares sobre a situação das classes trabalhadoras na Inglaterra. Uma greve inglesa .....	331

Prefácio à edição alemã de 1892.....	345
Fontes utilizadas por Engels.....	359
Índice onomástico .....	363
Cronologia resumida de Friedrich Engels e Karl Marx.....	369

## NOTA DA EDITORA

*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels, obra clássica da tradição socialista revolucionária e referência obrigatória na bibliografia das Ciências Sociais, há muito não estava disponível para o público brasileiro<sup>a</sup>.

A edição que a Boitempo agora oferece aos leitores, apresentando uma nova tradução, feita diretamente do alemão por Bernhard A. Schumann<sup>b</sup>, cuidadosamente revista e cotejada com o original por José Paulo Netto<sup>c</sup>, pretende mais que atender a uma reconhecida demanda do mercado editorial: tem o propósito de tornar acessível o ensaio de Engels numa versão precisa e segura, propiciando aos estudiosos e ao público mais amplo o acesso a uma fonte textual rigorosa.

Foram utilizadas, no cotejo referido, as edições: italiana – *La situazione della classe operaia in Inghilterra*, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Opere* (Riuniti, 1972, v. IV); francesa – *La situation de la classe laborieuse en Angleterre* (Éditions Sociales, 1961); inglesa – *The Condition of the Working Class in England* (Progress, 1973); mexicana – *La situación de la clase obrera en Inglaterra*, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundamentales* (Fondo de Cultura Económica, 1981, v. 2). As notas originais de Engels estão numeradas, no rodapé; as eventuais intervenções do editor nessas notas aparecem entre colchetes e podem ser identificadas pela sigla N. E. As demais notas,

---

<sup>a</sup> Há anos estão esgotadas as duas versões que dela foram publicadas em português: a primeira sob a chancela da Editora Afrontamento (Porto, 1975) e a segunda sob o selo da Global Editora (São Paulo, 1986).

<sup>b</sup> A partir do texto contido em *Karl Marx-Friedrich Engels Werke* (Berlim, Dietz, 1972, Band 2).

<sup>c</sup> Doutor em Serviço Social, professor titular da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor, entre outras obras, de *Marxismo impenitente* (2004) e *Capitalismo monopolista e serviço social* (1992), ambas publicadas pela editora Cortez.

extraídas das edições supramencionadas e adaptadas para a presente tradução, aparecem igualmente no rodapé, porém chamadas por letras.

Nas referências bibliográficas, sempre que possível acrescentamos as edições existentes no Brasil ou em português. Uniformizamos a grafia dos nomes dos autores pela sua forma original, tal como se tornou usual no Brasil, embora as edições espanholas e portuguesas grafem Carlos Marx e Federico Engels.

Um dos mais importantes trabalhos de Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é o trigésimo primeiro lançamento da coleção Mundo do Trabalho e o sétimo da série com a qual a Boitempo pretende abarcar – sempre em novas traduções, diretamente do alemão, anotadas e comentadas – o fundamental da obra de Karl Marx e Friedrich Engels, e disponibilizá-lo em português do Brasil. Embora tenha sido concebido inicialmente para a coleção Mundo do Trabalho – coordenada pelo professor Ricardo Antunes –, este livro, que tanto influenciou a obra de Marx, não poderia deixar de integrar a coleção dos fundadores do materialismo histórico.

Os títulos de ambos os autores já lançados pela Boitempo são: o *Manifesto Comunista* (edição comemorativa dos 150 anos do panfleto, em 1988, com uma introdução que o situa historicamente, ensaios de seis especialistas e prefácios de Marx e Engels a todas as edições conhecidas); *A sagrada família*, traduzida por Marcelo Backes; os *Manuscritos econômico-filosóficos*, traduzidos por Jesus Ranieri, autor também do ensaio introdutório; *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, com tradução de Rubens Enderle (responsável também pela apresentação) e Leonardo de Deus; *Sobre o suicídio*, traduzido por Rubens Enderle e Francisco Fontanella, incluindo o ensaio “Um Marx insólito”, de Michael Löwy; *A ideologia alemã*, de Marx e Engels – traduzida por Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Martorano, com apresentação de Emir Sader e supervisão editorial de Leandro Konder; e, finalmente, *Sobre a questão judaica*, com tradução de Nélio Schneider e apresentação e posfácio de Daniel Bensaïd. As capas de todos os volumes da série trazem ilustrações inéditas de Cássio Loredano.

Este volume vem ainda acompanhado de um índice onomástico, uma relação das obras do autor publicadas no Brasil e uma cuidadosa cronologia resumida de Engels e de Marx, contendo aspectos de suas trajetórias – vida pessoal, militância, obra teórica – e os fatos históricos mais relevantes do período.

# APRESENTAÇÃO

*Ao Lenin*

Há quase cinquenta anos, um dos mais notáveis historiadores marxistas, o professor Eric J. Hobsbawm, ao prefaciando uma tradução francesa de *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, indagava-se dos motivos que justificavam a reedição de uma obra escrita ainda na primeira metade do século XIX e respondia socorrendo-se de

três razões principais – a primeira: este livro é um marco na história do capitalismo e da moderna sociedade industrial; a segunda: ele constitui uma etapa na elaboração do marxismo, isto é, da nossa compreensão da sociedade; e a terceira diz respeito à sua qualidade literária. Simultaneamente erudito e apaixonado, articulando a denúncia e a análise, ele é, para dizê-lo numa só palavra, uma obra-prima.<sup>a</sup>

Acrescentava, também, que frequentemente “as obras-primas têm necessidade, quando publicadas há mais de um século, de comentários para serem lidas com proveito”. É com esse objetivo que são formulados, nesta apresentação, uns poucos comentários pertinentes a Engels e à obra-prima da sua juventude.

## 1

Dos estudos pioneiros de Gustav Mayer, iniciados já antes da Primeira Guerra Mundial e concluídos em 1932 em sua monumental biografia de Friedrich Engels<sup>b</sup>, aos dias correntes, a crônica da vida do companheiro de lutas e ideias de Karl Marx foi suficientemente esclarecida<sup>c</sup>.

---

<sup>a</sup> Cf. o prefácio reproduzido em F. Engels, *La situation de la classe laborieuse en Angleterre* (Paris, Éditions Sociales, 1961), p. 8.

<sup>b</sup> G. Mayer, Friedrich Engels. *Biografía* (México, Fondo de Cultura Económica, 1979).

<sup>c</sup> Dentre um largo rol de fontes, pode-se citar: A. Cornu, *Karl Marx et Friedrich Engels: leur vie et leur oeuvre* (Paris, PUF, 1955-1962, t. I, II e III); W. O. Henderson, *The Life of Friedrich*

Ele nasceu em 28 de novembro de 1820 em Barmen (Renânia), filho de um rico industrial têxtil (seu pai – falecido em 1860, aos 64 anos – também se chamava Friedrich Engels), cujos antepassados habitavam a região do Wuppertal desde o fim do século XVI, e de Elizabeth Franziska Mauritia van Haar (1797-1873), mulher de finos dotes intelectuais. Foi o primeiro dos oito filhos do casal e o pai, um rígido pietista, aspirava a torná-lo seu sucessor nos negócios familiares, que tinham ramificações na Inglaterra. Finalizada a sua formação secundária em 1837 – no curso em que revelou inclinações estéticas (poesia, música e desenho) e enorme facilidade para o domínio de idiomas –, o pai encaminhou-o para a vida empresarial, enviando-o a Bremen, onde permaneceu por dois anos e meio, até a Páscoa de 1841. Nesse período, combinou as obrigações comerciais (que detestava) com leituras centradas na literatura e na filosofia alemãs contemporâneas, estudos de filologia comparada e a prática de exercícios físicos, que não abandonará ao longo da vida. Também desses anos são as primeiras intervenções na imprensa (iniciadas em março de 1839) e o gosto pelas viagens (realiza, então, giros pela Inglaterra, Suíça e Itália).

No outono de 1841, está em Berlim: presta o serviço militar num regimento de artilharia e frequenta livremente alguns cursos universitários. É nesse período, então, que ingressa, precocemente e com força, no debate intelectual: republicano e democrata sob a influência de Börne, e situado na esquerda hegeliana desde que lera D. F. Strauss, aproxima-se dos Livres de Berlim<sup>a</sup> (especialmente Edgar Bauer) e combate a pregação anti-hegeliana de Schelling por meio de textos que atraem a atenção da intelectualidade de oposição e o tornam conhecido nos meios liberais e democráticos. *A essência do cristianismo*, publicado em 1841, deixa-o impactado: mediante o materialismo de Feuerbach, evolui para a posição segundo a qual cristianismo e filosofia são incompatíveis. A sua consequente opção materialista é desdobrada, por meio da marcante influência de Moses Hess, na direção do comunismo pensado humanitária e filosoficamente.

---

*Engels* (Londres, Frank Cass, 1976); L. F. Ilychov et al., *Frederick Engels. A Biography* (Moscou, Progress Publishers, 1982); T. Carver, *Friedrich Engels. His Life and Thought* (Londres, Macmillan, 1989); J. D. Hunley, *The Life and Thought of Friedrich Engels: A Reinterpretation* (New Haven/Londres, Yale University Press, 1991).

<sup>a</sup> Cenáculo de jovens hegelianos, anteriormente reunidos no *Doktorclub* de que Marx fizera parte; liderados por Edgar Bauer e Johann Kaspar Schmidt (Max Stirner), os Livres pouco a pouco deslizarão da oposição liberal para um radicalismo abstrato, inócuo politicamente.

Em novembro de 1842, Engels rumo para a Inglaterra: a instâncias do pai, estagiará na empresa (Ermen & Engels) de que sua família é associada, em Manchester – passa, antes, por Colônia, onde tem seu primeiro encontro pessoal, aliás pouco caloroso, com Marx, que dirigia o jornal *Rheinische Zeitung* [Gazeta Renana], com o qual Engels já colaborava. Ficará na Inglaterra por 21 meses e este será o período decisivo em sua formação intelectual e política<sup>a</sup>; o estudo da economia política, a observação e a análise sistemáticas dos processos de industrialização e urbanização, a ativa participação nas mobilizações operárias – tudo isso refletido nas suas intervenções na imprensa inglesa e alemã – consolidam sua opção vital: o jovem que abandona Manchester para regressar à Alemanha, nos últimos dias de agosto de 1844, é decididamente um comunista.

O retorno à cidade natal faz-se via Paris. Aí, encontra-se pela segunda vez com Marx e, após alguns dias de intensa troca de ideias, inicia-se uma amizade e uma colaboração intelectual de que o primeiro fruto verá a luz em finais de fevereiro de 1845 – *A sagrada família ou a crítica da Crítica crítica*<sup>b</sup>. Em setembro de 1844, Engels instala-se na casa paterna, dedica-se à redação d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (obra concluída em março de 1845 e publicada em Leipzig, em finais de maio) e a organizar, juntamente com Moses Hess, reuniões comunistas em Elberfeld, cidade vizinha a Barmen<sup>c</sup>. Passam-se meses de tensão entre o filho do industrial rico que se tornara comunista e o pai que não compreende a recusa do jovem em preparar-se para capitanear os empreendimentos familiares – e a ruptura entre ambos não tarda, com o filho deslocando-se para Bruxelas (abril de 1845), onde Marx, expulso da França, já reside desde fevereiro de 1845<sup>d</sup>.

---

<sup>a</sup> E também humana: data de então o início do seu relacionamento com Mary Burns, operária irlandesa que lhe abre as portas dos meios proletários e que será a sua primeira companheira. Sua morte prematura, em janeiro de 1863, abate-o profundamente. Posteriormente, ligar-se-á à irmã de Mary, Lydia (Lizzy) Burns (1827-1878).

<sup>b</sup> Ed. bras.: São Paulo, Boitempo, 2003.

<sup>c</sup> Barmen e Elberfeld, situadas no vale do Wupper (*Wuppertal*), unificaram-se por volta de 1930.

<sup>d</sup> As cartas que Engels escreve a Marx, entre o fim de 1844 e o início de 1845, documentam a tensão mencionada. Na missiva de 17 de março de 1845, anota que despertou “todo o fanatismo religioso de meu pai, exacerbado ainda mais pela minha declaração de renunciar definitivamente à carreira comercial e, se isto fosse pouco, minha atuação aberta e descarada como comunista fez com que se desenvolvesse nele, adicionalmente, um intenso fanatismo burguês. Você pode, pois, facilmente imaginar a minha situação [...]”. Em carta anterior (20 de janeiro de 1845), descreve com ironia sua vida na

Nos três anos que se seguem, até a eclosão da revolução em Paris (fevereiro de 1848), Engels vai se dividir entre a Bélgica e a França, entregue vitalmente à organização do movimento operário revolucionário. São anos de atividade febril em que, juntamente com Marx (a quem leva à Inglaterra, numa viagem de estudos em julho/agosto de 1845), dedica-se a contatar associações de trabalhadores, a estimular a criação de núcleos proletários e a divulgar, combatendo utopismos e soluções reformistas, ideias comunistas; envolve-se em polêmicas, publica artigos na imprensa operária do continente e da Inglaterra, participa de reuniões e comícios. Todo esse empenho ideopolítico – que vai resultar, em finais de 1847, na decisão do II Congresso da Liga dos Comunistas de atribuir a ele e a Marx a redação do *Manifesto do Partido Comunista*, documento que será editado em Londres às vésperas da revolução<sup>a</sup> – apoia-se agora sobre fundamentos mais sólidos: entre setembro de 1845 e agosto de 1846, Marx e Engels elaboraram *A ideologia alemã*<sup>b</sup>, texto em que lançam as bases da

---

cidade natal: “[...] Aqui não tenho oportunidade de dar rédea solta a meu temperamento. Digo-lhe que a vida que levo poderia ser invejada pelo mais brilhante dos filisteus, uma vida tranqüila e pacífica, piedosa e honrada ao extremo, trancado em meu quarto, trabalhando e, como um bom alemão, mal pondo os pés na rua. Se as coisas continuarem assim, não me espantaria que o bom Deus perdoasse meus escritos e me admitisse nos céus. Asseguro-lhe que começo a gozar de boa fama em Barmen”. Na mesma correspondência, há mostras dos dilaceramentos pessoais do jovem que, no marco de uma família tradicionalista e possidente, faz uma opção comunista; veja-se a última carta citada: “[...] É repugnante ser não apenas burguês, mas ainda industrial, ou seja, um burguês que participa ativamente na exploração do proletariado. Uns dias na fábrica de meu pai foram suficientes para convencer-me de que tudo isto é esqueleroso [...]. Contava permanecer nessa atividade apenas o tempo que me conviesse e logo escrever algo atentatório aos olhos da polícia para cruzar a fronteira sem escândalos, no momento aprazado; mas não agüentarei até lá. Creio que eu seria um homem amargurado se não pudesse registrar diariamente no meu livro [*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*] as coisas odiosas da sociedade inglesa [...]. A verdade é que um comunista pode levar, externamente, uma vida de burguês e ganhar dinheiro, desde que não escreva; mas é impossível dedicar-se, ao mesmo tempo, à propaganda comunista e aos ganhos e à indústria. [...] A isto se soma esta vida constrangedora numa família radicalmente cristã-prussiana – não, as coisas não podem continuar assim [...]” – as passagens são extraídas do volume 2 (*Escritos de juventud*) de Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundamentais* (México, Fondo de Cultura Económica, 1981, p. 735 e 727).

<sup>a</sup> Cf. meu prólogo a Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista* (São Paulo, Cortez, 1998).

<sup>b</sup> *A ideologia alemã* (São Paulo, Boitempo, 2007), sabe-se, permaneceu inédita até 1932; também se sabe que, muitos anos depois, Marx observou que “abandonamos [ele e Engels] sem pena o manuscrito à crítica roedora dos ratos” porque “já tínhamos alcançado nosso objetivo principal”, que era esclarecer as próprias concepções – cf. Karl Marx, prefácio a *Critique de l’Économie Politique* (Oeuvres/Économie. Paris, Bibliothèque de la

teoria social, cujo desenvolvimento caberia especialmente a Marx e cujo primeiro desdobramento viria pouco depois, com a marxiana *Miséria da filosofia* (dada à luz em julho de 1847).

Os cerca de dezoito meses que circunscrevem a revolução de 1848 – que explode em Paris na última semana de fevereiro desse ano, alastra-se pela Europa e, sob dura repressão, esgota-se no segundo semestre de 1849 – marcam o fim do primeiro estágio do aprendizado prático-revolucionário de Engels: juntamente com Marx, chega a Colônia em princípios de abril de 1848 e assume, em maio, o posto de vice-redator-chefe do jornal *Neue Rheinische Zeitung* [Nova Gazeta Renana] – que, sob a direção de Marx, orientará a vanguarda revolucionária alemã<sup>a</sup>. Até a vitória da contrarrevolução, Engels estará na primeira linha da luta, envolvido em combates e confrontos (Elberfeld, Palatinado e Baden)<sup>b</sup>. A derrota do movimento obrigará os dois companheiros ao exílio na Inglaterra e, ao chegar à ilha, em princípios de novembro de 1849, Engels iniciará uma nova etapa em sua vida.

Permanecerá quase um ano em Londres, articulando, com Marx, a reorganização da Liga dos Comunistas, necessária após o desfecho do processo revolucionário<sup>c</sup>. Em meados de novembro de 1850, estabelece-se em Manchester, retomando seus afazeres na empresa em que estagiara anteriormente (Ermen & Engels) e da qual se tornará coproprietário em 1864. Por quase vinte anos, até junho de 1869, Engels experimentará o que ele mesmo, aludindo à história do povo judeu, designará como “o cativo egípcio”: será um escravo dos negócios, o que lhe dará condições de oferecer a Marx o continuado apoio financeiro sem o qual este não

---

Pléiade, 1965, I, p. 274). Mas o fato é que ele e Engels, uma vez concluída a redação da obra, esforçaram-se por encontrar um editor que se dispusesse a publicá-la; somente em meados de 1847 desistiram de prosseguir nas muitas tentativas que fizeram nesse sentido. Cabe salientar que, se a contribuição de Engels foi diminuta na redação d'*A sagrada família*, o mesmo não se deu na elaboração d'*A ideologia alemã* – é a partir dessa obra que os dois amigos se ombreiam no trabalho comum.

<sup>a</sup> O essencial dos textos de Marx e Engels publicados nesse periódico está reunido em Karl Marx e Friedrich Engels, *La Nouvelle Gazette Rhénane* (Paris, Éditions Sociales, 1963-1971, t. I, II e III).

<sup>b</sup> Para uma análise da intervenção de Marx e Engels no processo revolucionário de 1848, cf. o belo ensaio de Fernando Claudín, *Marx, Engels y la revolución de 1848* (Madri, Siglo XXI, 1975).

<sup>c</sup> No fim de 1852, a Liga é dissolvida. Sobre essa organização, cf. M. I. Mijailov, *Historia de la Liga de los Comunistas* (Moscou, Nauka, 1968).

teria podido construir sua obra<sup>a</sup>. Além disso, lhe permitirá constituir um pecúlio considerável, com o qual se garantiu confortavelmente no último terço de vida<sup>b</sup>.

Se as duas décadas de “cativeiro egípcio” obrigaram-no às atividades empresariais que odiava<sup>c</sup>, elas não impediram – graças a sua gigantesca capacidade de trabalho, sempre aliada a sua alegria de viver<sup>d</sup> – sua intervenção pública. Nesses anos, continuou escrevendo para inúmeros periódicos (inclusive redigindo textos jornalísticos divulgados sob a assinatura de Marx<sup>e</sup>), não perdeu de vista a história recente da Alemanha (como o provam os estudos sobre *Revolução e contrarrevolução na Alemanha*, iniciados em 1852), acompanhou a complexa conjuntura internacional produzindo ensaios (como, entre outros, *O Pó e o Reno*, de 1859, logo seguido, em 1860, de *Sabóia, Nice e o Reno*) e artigos nos quais dava mostras do acúmulo intelectual que vinha operando no domínio da análise de temas militares (sobre a Guerra da Secessão nos Estados Unidos e sobre o militarismo prussiano), análise que lhe permi-

---

<sup>a</sup> Marx nunca deixou de reconhecer esse fato. Em carta de 7 de maio de 1867, quando concluiu o primeiro volume d’ *O capital*, escreveu ao amigo: “Eu jamais terminaria meu livro se não tivesse contado com você; esteja certo de que sempre me onerou a consciência, como um pesadelo, saber que você, por minha causa, tinha de esbanjar e amesquinhar suas fantásticas energias nos negócios e, mais ainda, participar de todas as minhas *petites misères*”.

<sup>b</sup> Pecúlio que, após sua morte e segundo as suas disposições testamentárias, assegurou significativa contribuição financeira ao Partido Social-Democrata Alemão (ao qual legou também sua biblioteca, inclusive seus escritos inéditos e arquivos, entregues aos cuidados de Bebel e Bernstein), sem prejuízo do que destinou aos descendentes de Marx e a alguns amigos.

<sup>c</sup> Entre maio e junho de 1869, Engels negociou com Ermen o fim de sua sociedade. Quando este se consumou, escreveu a Marx, em 1º de julho daquele ano: “Hurra! Acabou-se hoje o doce comércio e sou um homem livre!”.

<sup>d</sup> Da infância à velhice, Engels manteve-se um homem espirituoso e divertido, afeito aos prazeres do espírito e da carne, sendo-lhe estranho qualquer ranço de ascetismo – sua conhecida afirmação de que nada superava um *Château Margaux* safra 1848 nunca foi abandonada; numa carta escrita alguns meses antes de morrer (datada de 14 de novembro de 1894) e endereçada a dirigentes do Partido Social-Democrata Alemão, na qual comunica o legado financeiro que deixará ao partido, adverte para o cuidado que devem ter para não permitir que tais fundos caiam “nas mãos dos prussianos” e conclui: “Isto posto, tomem uma garrafa de bom vinho em minha memória”.

<sup>e</sup> Este parece ser o caso de artigos sobre a política espanhola, publicados nos anos 1850 no *New York Daily Tribune*; o essencial desses materiais está reunido em uma precária edição brasileira: Karl Marx e Friedrich Engels, *A revolução espanhola* (Rio de Janeiro, Leitura, 1966).

tiria, quando da guerra franco-prussiana, elaborar os significativos materiais que, entre julho de 1870 e fevereiro de 1871, publicou na *Pall Mall Gazette*<sup>a</sup>. Esses anos, contudo, são extremamente importantes para a consolidação de sua cultura enciclopédica: amplia seu já invejável conhecimento idiomático com o aprendizado de línguas eslavas e do persa, volta-se para a história do Oriente, dedica-se com afinco ao estudo das ciências naturais e reúne documentação para escrever uma história da Irlanda, projeto que nunca concluiu. Ademais, a partir de 1860, realiza inúmeras viagens pela Europa<sup>b</sup>.

Aos cinquenta anos, em plena maturidade intelectual e com invejável disposição física, sem ter que se preocupar com questões financeiras, Engels transfere-se para Londres em setembro de 1870 e aí viverá o quarto de século que lhe restará. Logo assume tarefas na Associação Internacional dos Trabalhadores, criada em 1864: torna-se, por eleição (4 de outubro de 1870), membro do seu Conselho Geral e passa a responder pelas relações com as seções belga, italiana, espanhola, portuguesa e dinamarquesa da organização, que depois seria conhecida como Primeira Internacional. Participará, ao lado de Marx, de todos os eventos, iniciativas e polêmicas (como, por exemplo, a travada contra a facção bakuninista), que marcaram a existência da organização às vésperas de sua dissolução. Quando esta ocorre (de fato, em 1872, com o deslocamento de sua sede para Nova York; de direito, em 1876), Engels já é reconhecido como uma liderança revolucionária mundial<sup>c</sup>.

As tarefas organizativas no marco da Primeira Internacional e as que se lhe seguiram foram conduzidas paralelamente a uma intensa produtividade teórica, facilitada pelo acúmulo realizado nos anos do “cativeiro egípcio”. A atividade do publicista prossegue em jornais e periódicos de

---

<sup>a</sup> Uma seleção desses escritos encontra-se em Friedrich Engels, *Temas militares* (Buenos Aires, Cartago, 1974). O interesse de Engels pelos temas militares valeu-lhe, no círculo íntimo, o apelido de General.

<sup>b</sup> Regressa várias vezes à Alemanha, visita a Suécia, a Dinamarca e a Irlanda. O gosto por viagens é traço da personalidade de Engels: em 1888, conhecerá os Estados Unidos e o Canadá; entre 1890 e 1893, percorrerá a Noruega, voltará à Irlanda e ainda revisitará a Suíça e a Áustria, sem contar algumas idas à Alemanha.

<sup>c</sup> Sobre a Primeira Internacional, cf. Annie Kriegel, *Les Internationales Ouvrières*. 1864-1943 (Paris, PUF, 1964). Boa parcela da contribuição de Engels à documentação produzida pela Primeira Internacional, assim como parte de sua correspondência pertinente com Marx, está reunida no volume 17 (“La Internacional”) de Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundamentais* (México, Fondo de Cultura Económica, 1988).

vários países; mas ele dá à luz contribuições mais densas, como a *Contribuição ao problema da habitação* (1873) e *A subversão da ciência pelo Sr. Dühring*<sup>a</sup>, e começa a esboçar *A dialética da natureza*, que, inconclusa, será publicada postumamente (1927).

A morte de Marx, pouco antes de completar 65 anos (14 de março de 1883), impõe-lhe um duplo trabalho: de uma parte, substituir o camarada de armas na direção política da vanguarda proletária; de outra, cuidar de seu legado teórico, na condição de seu testamenteiro literário – e nisso Engels consumiu os doze anos seguintes, sem prejuízo da continuidade de sua obra pessoal (em 1884, publica *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*; em 1886, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, texto a que apensa as até então inéditas *Teses sobre Feuerbach*, que Marx redigira em 1846)<sup>b</sup>.

No tocante à direção do movimento proletário, a intervenção de Engels – realizada também por meio de copiosa correspondência com dirigentes políticos e intelectuais de inúmeros países – foi notável: a atenção que dedicou à social-democracia alemã (visível, por exemplo, nas críticas que a ela dirigiu às vésperas do Congresso de Erfurt, em 1891) correu paralela a seu cuidado com as dimensões internacionalistas do movimento operário e revolucionário (de que é prova seu estímulo ao Congresso Internacional dos Trabalhadores Socialistas, realizado em Paris, em 1889, no qual se funda a Internacional Socialista, depois conhecida como Segunda Internacional<sup>c</sup>). Decorrência desse trabalho diuturno – em que sua experiência e seu saber eram colocados à disposição de líderes políticos, organizações socialistas e militantes operários –, na passagem do seu septuagésimo aniversário, manifestações de apreço enviadas de todas as par-

---

<sup>a</sup> Publicado em 1878, esse livro – conhecido depois como *Anti-Dühring* – tornar-se-ia o texto responsável pela formação de várias gerações de marxistas (em 1880, partes da obra foram reunidas numa versão francesa sob o título *Do socialismo utópico ao socialismo científico*). Uma contribuição à análise dessa obra, salientando seus méritos e limites, encontra-se em V. Gerratana, *Investigaciones sobre la historia del marxismo* (Barcelona, Grijalbo, 1975, I, p. 147-84).

<sup>b</sup> Outros textos significativos de Engels, nessa etapa final, são: *Contribuição à história da Liga dos Comunistas* (1885), *O socialismo na Alemanha* (1891), *História do cristianismo antigo* e *A questão camponesa na França e na Alemanha* (1894); o último trabalho importante de Engels, considerado por muitos seu “testamento político”, escrito entre fevereiro e março de 1895 e publicado em seguida, foi sua Introdução à *As Luta de classes na França* (1848-1850), de Marx.

<sup>c</sup> Uma síntese da história dessa organização é fornecida por J. Joll, *La II Internacional. Movimiento obrero 1889/1914* (Barcelona, Icaria, 1976).

tes do mundo evidenciaram seu prestígio como dirigente revolucionário; no entanto, foi o Congresso Internacional dos Trabalhadores Socialistas de 1893, em Zurique, que ofereceu a Engels a prova inequívoca de sua consagração mundial como maior referência viva do movimento comunista, indicando-o para a Presidência de Honra do conclave.

O labor como testamenteiro literário de Marx foi insano. Se, dois anos após a morte do amigo, Engels pôde publicar o livro II d' *O capital*, que Marx não concluía, o estado dos manuscritos deixados pelo camarada obrigou-o a praticamente uma década de esforços para apresentar a versão adequada do livro III, que só veio à luz em dezembro de 1894. No caso desse livro, o papel de Engels transcende ao de um organizador editorial: não é exagero considerá-lo um verdadeiro coautor – a articulação interna do pensamento marxiano foi penosa e exaustivamente reconstituída por ele à base de esboços e extratos fragmentários; o livro III d' *O capital*, sob a forma expositiva que conhecemos, simplesmente não existiria sem a contribuição de Engels<sup>a</sup>.

Na sequência da publicação do livro III d' *O capital*, em 8 de fevereiro de 1895, escrevendo a uma amiga, dizia do que considerava ser sua excelente saúde: “Durmo minhas sete horas por noite e trabalho com prazer” – nunca haveria de saber que um câncer no esôfago já o roía. Em junho, a impossibilidade de falar obrigava-o a comunicar-se por escrito e seus padecimentos, conforme o testemunho de Victor Adler, eram suportados “com estoicismo e até bom humor”. Ao chegar agosto, perdeu a consciência e, na tarde do dia 5, adormeceu para não mais despertar.

Atendendo a suas expressas disposições, seu cadáver foi levado ao crematório de Woking por pouco mais de meia centena de amigos e membros da família Engels<sup>b</sup>. As cinzas foram lançadas ao mar de Eastbourne, a cinco milhas da costa, numa tarde – como registrou Gustav Mayer – outonal, cinzenta e chuvosa.

---

<sup>a</sup> Como testamenteiro literário de Marx, o esforço de Engels foi além da publicação d' *O capital*; promoveu reedições de textos que estavam esgotados, para os quais escreveu prefácios e introduções e estimulou traduções das obras do companheiro.

<sup>b</sup> Engels determinara que seu funeral deveria ter um caráter rigorosamente privado, a que só assistissem amigos. Dentre os presentes, figuravam Eleanor Marx, Karl Liebknecht, August Bebel, Karl Kautsky, Eduard Bernstein, Paul Lafargue, Vera Zassulitch, Samuel Moore e o alfaiate Lessner, amigo de Engels desde os tempos da Liga dos Comunistas.

2

Referindo-se a sua relação com Marx, Engels anotou, dez anos depois da morte do amigo, numa carta a F. Mehring:

[...] O senhor me atribui mais méritos [na elaboração do *materialismo histórico*] do que mereço, mesmo somando tudo o que, com o tempo, eu possivelmente teria descoberto por mim mesmo, mas que Marx descobriu antes com seu *coup d'oeil* mais rápido e com sua visão mais ampla. Quando se tem a sorte de trabalhar durante 40 anos com um homem como Marx, normalmente não se é, enquanto ele vive, tão reconhecido como se crê merecer; quando, porém, o grande homem morre, freqüentemente o menor vem a ser superestimado – e este parece agora exatamente meu caso. A história acabará colocando tudo isso no devido lugar, mas então já terei passado ao outro mundo e não saberei mais nada de nada.<sup>a</sup>

Colocando-se sempre como o “segundo violino” em sua relação com Marx, Engels rendia preito de verdade à grandeza intelectual do companheiro: é incontestado que nenhum teórico social moderno alteia-se ao nível da genialidade de Marx. Entretanto, ao realçar o fato, com suas costumeiras generosidade e honestidade, Engels também certamente colaborou para dificultar a apreciação tanto de seu próprio valor intelectual quanto da contribuição teórica que ofereceu ao desenvolvimento de Marx<sup>b</sup> – colaborou, em suma, para que gerações de marxistas e cientistas sociais não tivessem a suficiente clareza acerca de outro fato: o de que ele, Engels, no acertado dizer de Florestan Fernandes, *era um pensador com luz própria*.

Ora, essa luz própria já se evidencia no trato dos materiais do *jovem Engels*, considerando como tais os seus escritos até a redação, com Marx, d’*A ideologia alemã*. Se, justificadamente, os textos do jovem Marx receberam, a partir de sua publicação, especialmente nos anos trinta do sécu-

---

<sup>a</sup> Carta de Engels a Mehring, datada de 14 de julho de 1893, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Oeuvres choisies* (Moscou, Progrès, 1975), p. 720-1.

<sup>b</sup> Apenas um exemplo: um estudo cuidadoso da correspondência trocada entre ambos, especialmente entre o fim dos anos 1850 e meados dos anos 1860, sugere o quanto os estudos econômico-políticos de Marx devem a Engels; e não se pode esquecer que o *Esboço de uma crítica da economia política*, a que me referirei adiante, foi decisivo nos rumos tomados pela reflexão de Marx em meados dos anos 1840.

<sup>c</sup> Também, como no caso de Marx, parece-me uma “estupidez historiográfica” (Lukács) contrapor o *jovem Engels* ao Engels *da maturidade* – não há “corte”, mas relação de ruptura e continuidade no pensamento e na prática dos dois teóricos, com suas respectivas obras constituindo uma unidade (a que, naturalmente, é alheia a reiteração identitária).

lo XX, uma atenção cuidadosa, quase sempre a produção do jovem Engels é descurada e reduzida, injustificadamente, ao *tour de force* intelectual que resultou n' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*<sup>a</sup>. Não pode restar qualquer dúvida de que esse livro é o mais importante dos trabalhos de juventude de Engels, redigido e publicado quando o autor ainda não completara 25 anos; todavia, a produção juvenil de Engels está longe de limitar-se a ele<sup>b</sup>.

As precoces primícias literárias de Engels não devem ser levadas muito a sério: poemas de pouca valia, coisas de adolescente absolutamente comuns em moços superiormente dotados, que depois a vida adulta encarrega-se de pôr na conta de pecadilhos da juventude. Mas suas "Cartas de Wuppertal", que publica em março-abril de 1839, no periódico hamburguês *Telegraph für Deutschland*, dirigido por Gutzkow, merecem atenção; com elas inicia a sua intervenção na imprensa – prosseguida nesse órgão até fins de 1841, sob o pseudônimo de Friedrich Oswald –, criticando o pietismo que asfixiava a sua região natal e apontando para o viés da crítica social. Já então se manifestam os seus dotes estilísticos e, na continuidade de sua colaboração ao *Telegraph für Deutschland*, pronunciando-se sobre textos referentes a narrativas populares, seus argutos juízos literários.

Estimulado pela Jovem Alemanha<sup>c</sup>, põe-se sob a influência de Börne, que facilita seu caminho para o republicanismo e o radicalismo democrático. De Börne a Hegel foi o passo seguinte, por uma via complexa, mediado pela crítica da religião (e recorde-se que, como o *jovem* Marx o notou, na Alemanha daqueles anos, a crítica da religião era o vestíbulo para a crítica social) operada por Strauss; mas é passo dado: em fins de 1840, Engels se assume neo-hegeliano. E é como tal que chega a Berlim no segundo semestre de 1841.

E chega no momento exato em que Frederico Guilherme IV, há pouco no trono da Prússia, frustra as expectativas da intelectualidade liberal, dei-

---

<sup>a</sup> Além do já citado Mayer (cf. nota b, p. 9), constituem exceção a esse reducionismo Cornu (cf. nota c, p. 9), G. Lukács (cf. o ensaio dedicado a Engels no volume *Marx e Engels como historiadores da literatura*. Porto, Nova Crítica, s.d.) e P. Vranicki (*Storia del marxismo*. Roma, Riuniti, 1973, v. I).

<sup>b</sup> O essencial dos escritos juvenis de Engels está acessível no volume 2 da edição mexicana de Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundamentais*, cit.

<sup>c</sup> Grupo de escritores democratas e críticos do liberalismo (Gutzkow, Laube, Wienbarg, Mundt), constituído nos anos trinta do século XIX e liderado por Heine e Börne. O processo revolucionário de 1848 dispersou-os e boa parte deles passou para o campo da burguesia liberal.

xando claro que a *miséria alemã* não seria atacada por meio de reformas políticas e sociais. Para o mundo intelectual, não foram poucos os sinais do que estava por vir, e a senha que despertou de suas ilusões os liberais e os jovens hegelianos, representados pelos Livres de Berlim, não podia prestar-se a equívocos: Schelling, então a expressão mais alta do anti-hegelianismo, fora chamado a uma cátedra em Berlim, enquanto Bruno Bauer, expoente do neo-hegelianismo na Universidade de Bonn, era objeto de ação punitiva. Eichhorn, ministro da Cultura, a instâncias pessoais de Frederico Guilherme IV, incumbira Schelling de promover a ofensiva contra o neo-hegelianismo. Os confrontos intelectuais que marcarão a cultura alemã na abertura dos anos 1840 e que redundarão, com a derrota de 1848, na marginalização, no seu interior, das tendências democráticas e progressistas, já se configuram nas lutas ideais travadas entre 1841-1842<sup>a</sup>.

Engels, próximo aos Livres e entusiasmado com Feuerbach (de quem acabara de vir à luz *A essência do cristianismo*), intervém ativamente nesses confrontos. Assiste ao curso inaugural de Schelling – do qual dá notícia no *Telegraph für Deutschland* – e, em abril de 1842, publica o panfleto “Schelling e a revelação. Crítica da mais recente tentativa da reação contra a filosofia livre”<sup>b</sup>. O título diz do conteúdo: a “filosofia da Revelação” que Schelling pretende opor ao pensamento hegeliano é desqualificada, o cristianismo aparece como incompatível com a reflexão filosófica, a fé religiosa não resiste às aporias da razão conduzidas pela “formidável dialética hegeliana” – o que Schelling oferece como alternativa à “filosofia livre”, tomada como os desdobramentos materialistas do hegelianismo (Feuerbach) e posta como abertura de nova era filosófica, não passa do mais rançoso idealismo positivista que Hegel superara. Esse texto, primeiro ensaio em que o futuro dirigente revolucionário dá provas de sua argúcia crítica, revela a sintonia do jovem Engels com o que de mais avançado se gestava no mundo cultural germânico da época<sup>c</sup>. Na efervescência promovida

---

<sup>a</sup> Cf. G. Lukács, *El asalto a la razón* (Barcelona/México, Grijalbo, 1968, cap. I e II), *Il giovane Marx* (Roma, Riuniti, 1978); outras indicações estão contidas em diversos textos lukacsianos, como *Nueva historia de la literatura alemana* (Buenos Aires, La Pléyade, 1971) e *Realistas alemanes del siglo XIX* (Barcelona, Grijalbo, 1970).

<sup>b</sup> O texto foi publicado anonimamente – Arnold Ruge, que o saudou, atribuiu-o a Bakunin; somente em julho soube-se que o autor era “Friedrich Oswald”. No ano seguinte, em artigo para o *The New Moral World*, órgão inglês do owenianismo, Engels revelou a identidade de “Friedrich Oswald”.

<sup>c</sup> Não é supérfluo observar, por exemplo, que Engels foi dos primeiros a rechaçar a *escola histórica do Direito*. Sobre a importância do confronto da intelectualidade alemã de

pela esquerda hegeliana, ele se situa com radicalidade na vanguarda filosófica, que naqueles dias se expressava no materialismo sensualista de Feuerbach<sup>a</sup>.

Tem menor substancialidade filosófica outro panfleto, menos extenso, que pouco depois publica sob o título “Schelling, filósofo cristão ou A transfiguração da sabedoria universal em verdade divina. Para cristãos que ignoram a terminologia filosófica”. Recorrendo ao artifício de apresentar-se como um devoto, o autor propõe-se a traduzir para os não iniciados o que “existia por trás do famoso Schelling”; e mostra que, desde a “espantosa Revolução Francesa”, o positivismo cristão de Schelling é a única arma com que os crentes contam num mundo dividido entre apenas dois partidos, “o dos cristãos e o dos anticristãos”. Com a irônica e aparente defesa do irracionalismo schellinguiano, o jovem Engels revela o problema central do pensamento reacionário alemão: reverter as ressonâncias da Revolução de 1789 na cultura germânica.

Aos 22 anos, Engels – divulgados esses textos e escrevendo artigos e resenhas em diversos periódicos – está ao lado dos Livres de Berlim. No verão de 1842, solidário com Bruno Bauer, excluído de sua cátedra em Bonn, compõe, com a ajuda de Edgar Bauer (a quem então o unem fortes laços de amizade), um poema cômico – publicado anonimamente: “A Bíblia, insolentemente assediada, mas milagrosamente salva ou O triunfo da fé”<sup>b</sup>. Parodiando o *Fausto* goethiano, Engels, recorrendo novamente ao artifício de apresentar-se como um devoto pietista, propõe-se contribuir para erradicar “as abominações da blasfêmia” – e, nesse intento, descreve os neo-hegelianos e os Livres e seus “erros”, detendo-se especialmente em Bruno Bauer, a quem Mefistófeles aconselha, significativamente, seguir o exemplo de Hegel...<sup>c</sup>.

---

oposição, notadamente de Marx, com a *Historische Rechtsschule*, cf. o erudito ensaio de José Barata-Moura, *Marx e a crítica da “Escola Histórica do Direito”* (Lisboa, Caminho, 1994).

<sup>a</sup> Sobre os jovens hegelianos e a esquerda hegeliana, cf. David McLellan, *Marx y los jóvenes hegelianos* (Barcelona, Martínez Roca, 1969) e M. Rossi, *La génesis del materialismo histórico. La izquierda hegeliana* (Madri, Alberto Corazón, 1971). Vale recorrer, também, a C. Frederico, *O jovem Marx. 1843-1844: as origens da ontologia do ser social* (São Paulo, Cortez, 1995, cap. I).

<sup>b</sup> Esse poema foi publicado originalmente em um panfleto. Pode ser encontrado no volume 2 de K. Marx e F. Engels, *Obras fundamentais*, cit.

<sup>c</sup> Nessa divertida paródia, Engels plasma com notável finura os perfis dos hegelianos de esquerda. Feuerbach, “personificando todo o exército dos ateus insolentes”, é “um feroz

Então querido e respeitado pelos Livres, Engels todavia deles se distingue, entre outras razões porque a mentação filosófica desvinculada da atividade prática sempre foi estranha a seu caráter e a seus projetos – o que, desde já, o aproxima de Marx, com o qual ainda não mantém relações. Quando, nos anos seguintes, boa parte dos Livres toma o caminho da pura especulação, não lhe será difícil romper com esses primeiros companheiros de viagem. E as diferenças entre Engels e os Livres já se manifestam em 1842: na sua colaboração com a *Rheinische Zeitung*, recém-iniciada, suas críticas à censura indicam claramente a orientação político-social que vertebrava as suas preocupações – mais acentuadas num ensaio (“Frederico Guilherme IV, rei da Prússia”), redigido no outono daquele ano (e só publicado, no verão de 1843, em Zurique, num opúsculo intitulado *Vinte e um infólios da Suíça*): nele, o jovem autor, analisando a política conduzida por Frederico Guilherme IV, que encarna o princípio da “autoridade absoluta” contra o da “liberdade absoluta”, considera que o projeto reacionário do monarca está condenado ao fracasso.

Engels, porém, encontrara outro estímulo para imunizar-se contra as tendências especulativas que, embutidas nos movimentos dos Livres de Berlim, mais tarde se manifestariam fortemente<sup>a</sup>: pouco antes da publicação d’*A essência do cristianismo*, viera à luz, sem a identificação de autoria, um livro extremamente importante na evolução do nosso jovem pensador – *Die europäische Triarchie* [A triarquia europeia]<sup>b</sup>. A tese defendida por Moses Hess, autor da obra e a quem Engels logo se vincularia, era engenhosa: o continente europeu experimentara duas revoluções – uma, religiosa (a Reforma), tivera a Alemanha por berço; outra, política, ocorrera na França (a Revolução de 1789); caberia à Inglaterra, onde o cartismo avançava, concretizar os vetores emancipatórios contidos em ambas na realização de uma revolução social. Hess, que estabelecia uma conexão entre Hegel e Saint-Simon, ao remeter a efetivação

---

meteoro envolto nos vapores do inferno”; Marx (a quem pessoalmente Engels ainda não conhecia), aparece como “um verdadeiro monstro” que, “quando agita seu punho vigoroso”, faz “tremar tudo”; e é expressiva a (auto)caracterização de Friedrich Oswald: ele “avança pela esquerda”, “toca um instrumento chamado guilhotina” e canta o estribilho: “Formez vos bataillons! Aux armes, citoyens!”.

<sup>a</sup> E que seriam depois criticadas com virulência nas duas primeiras obras que redige com Marx, *A sagrada família* e *A ideologia alemã*.

<sup>b</sup> M. Hess, *Die europäische Triarchie* (Leipzig, O. Wigand, 1841).

da liberdade à revolução social abria para os neo-hegelianos o passo à ação política, exatamente o que faltava à perspectiva do materialismo de Feuerbach – e o fazia divulgando, em escritos posteriores a *Die europäische Triarchie*, publicados inclusive na *Rheinische Zeitung*, os progressos do socialismo francês.

Engels, ao longo de 1842, numa provisória síntese de Feuerbach e Hess, evolui rapidamente no comunismo filosófico que enformará seu pensamento até a redação d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – e, nessa síntese, incidirão as leituras que realiza sobre os rumos do socialismo francês (Lorenz von Stein) e as aspirações de segmentos de trabalhadores (W. Weitling). Mas não há qualquer dúvida de que o afastamento de Engels da Jovem Alemanha e dos Livres de Berlim – em função da fratura, que ambos os círculos não superavam, entre a teorização e a ação – foi potenciado pela influência de Hess<sup>a</sup>.

A Inglaterra que recebe o jovem comunista filosófico – e, mais especificamente, Manchester, onde ele se estabelecerá – é a “oficina do mundo”: ali, sob o comando do capital, a ordem burguesa, deflagrada a revolução industrial, constrói o seu perfil urbano-industrial, trazendo consigo o seu inevitável acólito, o proletariado<sup>b</sup>. Quando Engels se fixa em Manchester, nos primeiros dias de dezembro de 1842, está vivíssima a comoção causada pela greve geral que paralisou o norte da Inglaterra meses antes e teve a cidade como epicentro: o cartismo mostrara a sua força, introduzindo

---

<sup>a</sup> Anotou o primeiro grande biógrafo de Engels: “Dispomos de um testemunho de Engels, datado de novembro de 1843, em que se reconhece expressamente que Hess foi o primeiro a fazer-lhe ver, e a seus companheiros, que o comunismo era a solução adequada e o desenvolvimento necessário e conseqüente da doutrina neo-hegeliana” (Mayer, op. cit., p. 110); seguramente, o biógrafo refere-se ao texto “Progressos da reforma social no Continente”, publicado no owenista *The New Moral World* de 4 de novembro de 1843, no qual Engels afirma que “o comunismo era uma conseqüência tão necessária da filosofia dos jovens hegelianos que nenhuma oposição poderia impedir o seu desenvolvimento” e que, entre os jovens hegelianos, Hess foi, “na verdade, o primeiro comunista” (cf. o citado volume *Escritos de juventud*, p. 158). Outro estudioso, analisando a relação intelectual de Hess com Marx e Engels, anota que “Hess teve muito mais êxito com Engels, a quem converteu inteiramente à causa comunista” (McLellan, op. cit., p. 165).

<sup>b</sup> Sintetizei os dados pertinentes à “oficina do mundo”, tratando da chegada do jovem Engels à Inglaterra, no breve ensaio que lhe dediquei em *Marxismo impenitente. Contribuição à história das ideias marxistas* (São Paulo, Cortez, 2004, p. 31-43). Relevantes para situar as condições da inserção de Engels na ilha e as suas implicações no universo intelectual do nosso autor, especialmente no que diz respeito à elaboração d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, são os trabalhos de S. Marcus, *Engels, Manchester and the working class* (Londres, Weidenfeld & Nicholson, 1974) e de R. Whitfield, *Frederick Engels in Manchester* (Manchester, Working Class Movement Library, 1988).

um dado novo nas lutas de classes que a nobreza fundiária e as lideranças burguesas travavam, expressas nos confrontos entre os conservadores (o partido *tory*) e os liberais (o partido *whig*), especialmente em torno da questão das leis dos cereais<sup>a</sup>.

A conjuntura inglesa é tomada por Engels a partir da proposição que Hess desenvolvera em *Die europäische Triarchie*: uma revolução social na Inglaterra responderá pelo ingresso da sociedade moderna na era da emancipação. Por isso, o debate político inglês, que acompanha com atenção, parece-lhe adjetivo: nem conservadores nem liberais têm algo a oferecer àquela revolução, uma vez que nenhum dos interlocutores se situa para além dos marcos da sociedade atual – o que lhe importa é compreender a dinâmica que pode ultrapassá-la, dinâmica que localiza no movimento operário empolgado pelos cartistas; mesmo o importante veio socialista condensado no owenismo (com cujo órgão de divulgação, *The New Moral World*, Engels colaborou) só pode ter futuro se vinculado ao cartismo que, julga o jovem Engels, acabará desaguando no comunismo.

Aprender tal dinâmica impõe ao jovem Engels a análise histórica da Inglaterra; ele projeta, então, uma história social da sociedade inglesa – deslocada pela redação d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e nunca escrita. Para tanto, põe-se a estudar num ritmo assombroso e a acumular informações e dados, numa profícua atividade intelectual (combinada com a sua inserção no movimento cartista e, mais amplamente, revolucionário<sup>b</sup>) de que raros dos seus contemporâneos deram provas e que sustenta a sua ativa intervenção publicística no período<sup>c</sup>.

---

<sup>a</sup> Uma eficiente síntese da conjuntura política inglesa com que se defronta o jovem Engels é oferecida por Mayer (op. cit., cap. VI). As lutas operárias, no período de gestação do cartismo, são bem refiguradas por E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa. III. A força dos trabalhadores* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987); referência tradicional sobre o movimento cartista é G. D. H. Cole, *A history of socialist thought. The forerunners. 1789-1850* (Londres, Macmillan, 1953, cap. XIII), além do antigo estudo de E. Dolléans, *Le chartisme. 1831-1848* (Paris, M. Rivière, s.d.).

<sup>b</sup> Além das relações que estabeleceu com dirigentes socialistas (como o professor John Watt), Engels liga-se especialmente aos cartistas (James Leach e George J. Harney – este último dirigiria o órgão central do movimento, *The Northern Star*, para o qual Engels emprestaria regular colaboração). Datam também dessa estância de Engels na Inglaterra seus contatos iniciais com “os três primeiros proletários revolucionários” alemães que conheceu, vinculados à *Liga dos Justos*: K. Schapper, Heinrich Bauer e Joseph Moll.

<sup>c</sup> Escreve regularmente para a *Rheinische Zeitung*, para *The Northern Star* e para *The New Moral World*.

É no marco desses estudos que Engels, mesmo que ainda no interior do comunismo filosófico<sup>a</sup>, descobre a importância capital, para a compreensão da vida social, das condições em que se opera a produção da vida material da sociedade<sup>b</sup> – donde a relevância que a revolução industrial adquiriu na sua apreciação da sociedade inglesa. Mais: no seu pensamento desse período já se encontra, embrionariamente, uma determinação que só posteriormente Marx alcançaria, incorporando-a plenamente na sua análise da dinâmica capitalista – trata-se da tese segundo a qual o “caso clássico” da Inglaterra antecipa o que sucederá nos outros países<sup>c</sup>. Por isso mesmo, na Inglaterra o jovem Engels tem os olhos postos na Alemanha: boa parte do seu esforço publicístico consiste em oferecer aos leitores alemães, por meio da *Rheinische Zeitung* e de outros periódicos, informações e análises da situação inglesa<sup>d</sup>. Mas, com a mesma ênfase, procura aportar ao movimento dos trabalhadores ingleses – que não dispunha da saliência ideológica evidente nas vanguardas francesas, por exemplo – o componente socialista que marcava as mais avançadas expressões do

---

<sup>a</sup> No prefácio de 1892 à segunda edição alemã d’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de que o leitor dispõe como anexo deste livro, Engels refere-se às limitações de seu pensamento de então.

<sup>b</sup> O velho Engels, rememorando a sua primeira estância na Inglaterra, observará que então “defrontei-me com a realidade de que os fatos econômicos, omitidos pela historiografia anterior ou só considerados de modo insignificante, desempenham – pelo menos no mundo moderno – um papel histórico: servem de base à emergência dos antagonismos de classes dos nossos dias, antagonismos que, nos países que se desenvolvem plenamente ao calor da grande indústria (como ocorre, concretamente, na Inglaterra), por sua vez, lançam as bases para a formação dos partidos políticos, para as lutas entre eles e, por conseguinte, para a história política em seu conjunto” (apud Mayer, op. cit., p. 127).

<sup>c</sup> Refiro-me, especificamente, à ideia conforme a qual “o país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão somente a imagem do próprio futuro” (K. Marx, *O capital. Crítica da economia política*. São Paulo, Abril Cultural, 1983, v. I, t. 1, p. 12). Para a problematização dessa ideia, cf. os estudos de José Aricó (*Marx y la América Latina*. Lima, Centro de Estudios para el Desarrollo y la Participación, 1980) e de Enrique Dussel (*El último Marx [1863-1882] y la liberación latinoamericana*. México, Siglo XXI, 1990).

<sup>d</sup> Tal é o conteúdo dos seus artigos que o jornal dirigido por Marx os publica já em dezembro de 1842; fim semelhante têm suas “Cartas de Londres” (de fato, escritas em Manchester), que, entre maio e junho de 1843, são divulgadas no *Schweizerischer Republicaner*, de Zurique; igual é o esforço consignado na série “A situação na Inglaterra”, que vem à luz, entre agosto e outubro de 1844, no *Vorwärts!* (cf. *Escritos de juventud*, cit., p. 119-44 e 209-48).

pensamento social do continente<sup>a</sup>. A dimensão *internacionalista* que vincará profundamente o pensamento e a ação do Engels *maduro* encontra, já aqui, expressão inequívoca<sup>b</sup>.

Um dos trabalhos mais significativos de Engels, neste período, é a longa resenha de *Past and Present*, livro de Thomas Carlyle publicado em 1843<sup>c</sup>. Visivelmente motivado pela explosão cartista de 1842, Carlyle põe-se a analisar a sociedade inglesa que tem diante dos olhos, impressionado com o pauperismo das massas (a “questão social”) e a inépcia das elites para travar o esgarçamento do tecido social: a ociosidade da nobreza fundiária, o caráter rapace da burguesia industrial, cujo único objetivo é o dinheiro, e um parlamentarismo corrupto respondem pela crise que já se põe de manifesto e ameaça os valores sociais e morais. Propõe Carlyle, como solução, uma reforma que, fundada eticamente no combate ao materialismo e ao utilitarismo, implicaria uma organização racional do trabalho voltada para a colimação do bem-estar geral. Para essa regeneração social, entende Carlyle que as bases se encontram num novo idealismo, capaz de contrarrestar o materialismo que via subjacente à Revolução Francesa – idealismo que ele localizava na cultura alemã (Kant, Fichte, Novalis e Schelling). O jovem Engels incorpora simpaticamente o diagnóstico de Carlyle, com o qual está solidário; mas o seu programa reformista é criticado radicalmente – Engels, observando que Carlyle desconhece a cultura alemã pós-hegeliana, realça, de um lado, que só o humanismo materialista (aqui, a viva influência de Feuerbach) pode tornar concretos os mais altos valores humanos e, de outro, que nenhuma reorganização do trabalho no marco da propriedade privada (aqui, os influxos de Hess) poderia contemplar interesses gerais. Precisamente ao tratar da organização racional do trabalho, que tem,

---

<sup>a</sup> Este é o objetivo e o conteúdo, por exemplo, do texto “Progressos da reforma social no Continente” referido na p. 23, nota a, assim como do estudo “Rápidos avanços do comunismo na Alemanha”, também publicado no periódico *The New Moral World* entre dezembro de 1844 e maio de 1845 (cf. *Escritos de juventud*, cit., p. 249-58). Parte da colaboração de Engels ao jornal cartista *The Northern Star* tem a mesma característica.

<sup>b</sup> Sem prejuízo da sua coexistência com traços de uma filosofia da história de raiz hegeliana que até o processo de 1848/1849 acarretará limitações à visão revolucionária de Engels (cf. R. Rosdolsky, *Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*. México, Cuadernos de Pasado y Presente, 88, 1980).

<sup>c</sup> A resenha de Engels, na verdade um denso ensaio crítico (cf. *Escritos de juventud*, cit., p. 185-208), foi publicada no único número da revista *Deutsch-Französische Jahrbücher*, dirigida por Marx e Ruge em Paris. No mesmo número saiu o texto engelsiano a que nos referiremos adiante, o “Esboço de uma crítica da economia política”.

para o programa de Carlyle, função essencial, Engels põe em questão categorias da economia política: “Como se pretende acabar com a *concorrência*, a *oferta* e a *procura* [...], deixando intacta a sua raiz, a propriedade privada?”<sup>a</sup>.

Categorias essas que são o objeto do mais importante trabalho do jovem Engels, excetuada *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – trata-se do ensaio “Esboço de uma crítica da economia política”<sup>b</sup>, escrito entre finais de 1843 e janeiro de 1844. No que toca a esse ensaio, Marx, desde que o conheceu, sempre insistiu na sua relevância, em diversas ocasiões recorrendo reiteradamente a ele<sup>c</sup>. Não cabe, nesta *apresentação*, uma aproximação ao “Esboço...”, aliás disponível há muito ao leitor brasileiro<sup>d</sup>. Cumpre apenas fazer notar que o texto constitui a *primeira* análise das categorias constitutivas da economia política operada a partir de uma perspectiva dialética e comunista; assinala o acúmulo intelectual processado por Engels ao cabo de um ano de estudos na Inglaterra, bem como os avanços realizados por ele no sentido de compreender a socie-

---

<sup>a</sup> Cf. o volume *Escritos de juventud*, cit., p. 206.

<sup>b</sup> Uma excelente edição bilíngue foi oferecida pela coleção *Connaissance de Marx* – F. Engels, *Esquisse d'une critique de l'économie politique/Umriss zu einer Kritik der Nationalökonomie* (Paris, Aubier Montaigne, 1974).

<sup>c</sup> Já em 1844, Marx incorpora a caracterização engelsiana de Smith como o “Lutero da economia política” (K. Marx, *Manuscrits de 1844. Économie politique et philosophie*. Paris, Éditions Sociales, 1969, p. 79-80). Em janeiro de 1859, avalia o texto como “genial” (K. Marx, *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa, Estampa, 1971, p. 30). N’*O capital* que publicou em vida (1867), transcreve passagens do ensaio de Engels: no cap. I, a propósito da lei que regula a quantidade de valor pelo tempo de trabalho socialmente necessário à produção; no cap. IV, acerca da fórmula geral do capital e das contradições desta (cf. volume e tomo citados na p. 25, nota c, respectivamente p. 73, 129 e 137). E, como notou H. Chambre, no prefácio que escreveu para a edição bilíngue citada na nota anterior, nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, Marx desenvolve a concepção de alienação do proletário a partir da sua alienação diante do produto do trabalho, tal qual Engels indicara no “Esboço...”, bem como extrai deste, para *O capital*, o papel que atribui à ciência numa economia capitalista industrializada; e, ainda, em sua obra confere a Ure idêntica importância à que lhe atribui Engels naquele escrito. Observa, enfim, Chambre: “Poder-se-ia qualificar adequadamente o ‘Esboço...’ dizendo que ele está para *O capital* assim como as últimas páginas da *Crítica da filosofia do direito de Hegel* [São Paulo, Boitempo, 2006] estão para o *Manifesto Comunista*” (loc. cit., p. 27). Por seu turno, depois de lembrar que “o primeiro texto resumido por Marx nos *Cadernos de Paris* foi o artigo de Engels ‘Esboço de uma crítica da economia política’”, Celso Frederico afirma que, “sem dúvida, Engels não só iniciou Marx no estudo da economia política, como também lhe forneceu elementos conceituais para a crítica dessa ciência” (C. Frederico, op. cit., p. 128).

<sup>d</sup> Uma versão do “Esboço...” encontra-se em Netto, J. P. (org.) *Engels* (São Paulo, Ática, col. “Grandes cientistas sociais”, v. 17, série “Política”, 1981).

dade burguesa. Como texto pioneiro e seminal – e é preciso insistir neste ponto: no momento em que Engels desbravava o caminho para alcançar a perspectiva heurística que haveria de abrir a via à descoberta da “anatomia da sociedade civil”, Marx, que ainda estava se desvencilhando das suas lentes filosóficas, não vislumbrava o “primado ontológico da economia” (Lukács)<sup>a</sup> –, como texto pioneiro e seminal, o “Esboço...” possui debilidades salientadas pelo próprio Engels em carta de abril de 1871 a W. Liebknecht, na qual, numa autocrítica extremamente rigorosa e injusta, menciona inexatidões e o avalia como obsoleto, dispondo tão somente de valor histórico<sup>b</sup>.

Muito para além das debilidades apontadas pelo autor<sup>c</sup>, o que importa são os indiscutíveis méritos do ensaio: se os juízos sobre os clássicos da economia política são unilaterais, se a análise das categorias econômicas ainda peca por eticismo, Engels formula suas ideias centrando a crítica na contraditoriedade que deriva compulsoriamente da manutenção da pro-

---

<sup>a</sup> Lefèbvre observou, com a sua argúcia peculiar, que, em Paris (1844), Marx “estuda febrilmente os economistas, nisto precedido por Friedrich Engels. [...] Hegeliano de esquerda, comunista desde 1842, Engels tinha uma experiência social diferente e, em certo sentido, mais ampla que a de Marx. Para ele, o proletariado não era o que o que ainda permanecia sendo para Marx – o instrumento de realização da filosofia. [...] Seu ‘Esboço de uma crítica da economia política’ foi publicado [...] quando Marx mal começava a se interessar pela economia política [...]. Numa linguagem ainda filosófica, o “Esboço...” já contém todos os elementos do socialismo científico: diferenciação crescente das classes, crises de superprodução cada vez mais graves e, sobretudo, a vinculação de todas as contradições econômicas à propriedade privada dos meios de produção. [...] Engels negou sempre que tenha ‘influenciado’ Marx. Na verdade, ele foi o primeiro e o único a propósito do qual se pode falar de uma influência ou, mais exatamente, de uma *contribuição* à doutrina de Marx. [...] A contribuição de Engels [...] foi positiva e decisiva: ofereceu a Marx seu conhecimento dos fatos econômicos, um esboço de análise e, em especial, uma apreciação solidamente fundada da sua importância” (H. Lefèbvre, *La pensée de Karl Marx*. Paris, Bordas, p. 103-4); num texto muito posterior, Lefèbvre escreve que “admite-se geralmente que o artigo de Engels [o “Esboço...”] inaugura a linha de pensamento comumente chamada ‘marxismo’” (H. Lefèbvre, *A cidade do capital*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999, p. 30). É ilustrativo comparar essa avaliação – que subscrevemos – com a desenvolvida por Jones, que minimiza a contribuição engelsiana e, conseqüentemente, subestima a importância do “Esboço...” (cf. G. Stedman Jones, “Retrato de Engels”, em E. J. Hobsbawm (org.). *História do marxismo. 1. O marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 377-421).

<sup>b</sup> Cf. Cornu (op. cit. na p. 9, nota c, t. II, p. 321) e Chambre (prefácio à obra citada na p. 27, nota b).

<sup>c</sup> Para críticas ao “Esboço...”, vale recorrer aos textos já referidos de Mayer, Cornu e Ilychov et al. e ainda a E. Mandel, *A formação do pensamento econômico de Karl Marx* (Rio de Janeiro, Zahar, 1968, cap. 1) e a P. Walton e A. Gamble, *Problemas del marxismo contemporâneo* (Barcelona, Grijalbo, 1977, cap. 3).

priedade privada dos meios de produção numa ordem societária em que a produção é cada vez mais de caráter social; ao posicionar a propriedade privada dos meios de produção como a raiz da problemática político-social da sociedade capitalista, Engels (denunciando a teoria da população de Malthus, apontando para a inépcia das concepções econômico-liberais acerca da concorrência e do monopólio, pondo a nu a efetividade das crises cíclicas, focando a centralidade do trabalho para a determinação do valor etc.) dá o primeiro, e *fundamental*, passo para a crítica comunista à ordem burguesa embasada na investigação da economia.

Com efeito, o pensamento socialista da época conduzia a crítica da sociedade burguesa a partir de petições ético-morais e iluministas; no seu enfrentamento com a ordem estabelecida, denunciava-lhe as mazelas e injustiças e logo passava à construção de modelos ideais (o que expressava o salto ao utopismo); quando se colocava a análise concreta da produção burguesa, pouco conseguia avançar para além das mesmas categorias elaboradas pelos economistas que faziam a apologia do *status quo*. No “Esboço...”, o jovem Engels prolonga a evidente inspiração ética dos utópicos, mas situa a crítica da sociedade burguesa *fora* do âmbito da economia política que lhe é própria. Ele demonstra que e como essa economia é a expressão ideológica do estado de coisas vigente e funda a sua análise na investigação da realidade mesma. Utilizando procedimentos dialéticos, o jovem Engels *historiciza* as categorias econômicas e revela o seu condicionamento histórico-social. Examina os fatos econômicos com um agudo senso de *totalidade*: procura localizar o seu encadeamento, as suas interações, as suas contradições e, principalmente, a sua essencial unidade. Observa a complementaridade concorrência/monopólio, denuncia o caráter mistificador da teoria malthusiana etc. e, na sequência de sua argumentação, afirma a existência de *leis históricas imanes* invioláveis e necessárias à produção capitalista – a lei da concorrência, da centralização do capital, da crise periódica, da pauperização das massas. Ao mesmo tempo, assevera que a produção burguesa está condenada em curto prazo – a *polarização social que engendra implica a revolução proletária que a suprime*<sup>a</sup>. Com essa carnadura, se o “Esboço...” não rompe inteiramente com a crítica socialista de que é legatário e enferma ainda dos vincos do comunismo filosófico, ele já expressa tanto os elementos

---

<sup>a</sup> Revolução que Engels estimará como iminente, numa avaliação equivocada que, até a abertura dos anos 1850, juntamente com Marx, ele conservará.

ideopolíticos e teóricos sobre os quais Engels elaborará *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* quanto o movimento de crítica da economia política com o qual começa a árdua e percuciente pesquisa que, pelo trabalho de Marx, conduziria ao conhecimento verdadeiro (v. g., crítico) do modo de produção capitalista, de suas relações correspondentes de produção e circulação.

Como se verifica, quando redigiu o “Esboço...”, Engels já acumulara – em exercícios políticos, intelectuais e teóricos que merecem maiores atenções – o necessário para preparar a obra-prima da sua juventude, cuja edição o leitor tem em mãos. Tratemos rapidamente dela, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

### 3

Entre os anos trinta e cinquenta do século XIX, o brutal *pauperismo* das camadas trabalhadoras urbanas, derivado diretamente da produção capitalista, impactou a consciência social europeia e deu origem a uma larga e copiosa documentação. Intelectuais dos mais diversos matizes – reacionários e conservadores, liberais e democratas, reformadores e revolucionários – ocuparam-se do que então era designado por todos como “questão social”<sup>a</sup>. Isto posto, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (como vimos, escrita entre o último trimestre de 1844 e março de 1845, e publicada em maio deste ano, em Leipzig) se inscreve no marco de uma literatura de que não é o ponto de partida nem o signo terminal; trata-se, antes, de uma obra que está encharcada do *esprit du temps*<sup>b</sup> – o jovem Engels, nesse sentido, tão somente insere-se no debate social mais significativo daqueles anos.

---

<sup>a</sup> Recorde-se, aleatoriamente, P. Gaskell, *A população trabalhadora das manufaturas da Inglaterra* (1833), A. de Villeneuve-Bargemont, *Tratado de economia política cristã ou pesquisas sobre o pauperismo* (1834), A. de Tocqueville, *Memória sobre o pauperismo* (1835), L. Villermé, *Quadro do estado físico e moral dos operários das manufaturas de algodão, lã e seda* (1840), E. Buret, *A miséria das classes trabalhadoras na França e na Inglaterra* (1840) e Ducpétiaux, *Da condição física e moral dos jovens operários e dos meios para melhorá-la* (1843). Sobre o referido impacto do pauperismo, vale recorrer a R. Castel, *As metamorfoses da questão social* (Petrópolis, Vozes, 1998, esp. p. 283 e ss.).

<sup>b</sup> Alguns analistas quiseram localizar no texto do jovem Engels, na medida em que foi legatário de parte da documentação já publicada, uma pretensa falta de originalidade, Mayer (op. cit. na p. 9, nota b, p. 196 e ss.) mostrou o infundado dessa reserva. Outras críticas tiveram réplica suficiente no ensaio “The Condition of the Working Class in England: 150 years on”, de Anne Dennehy, em Christopher J. Arthur (ed.), *Engels Today. A Centenary Appreciation* (Londres, Macmillan, 1996).

Precisamente porque a temática estava na ordem do dia, porque o objeto da reflexão já vinha sendo amplamente explorado, ganha especial relevo a modalidade de inserção de Engels naquele debate, modalidade na qual se revela a *radical originalidade* da contribuição do jovem revolucionário. Essa originalidade não reside seja na “observação participante”<sup>a</sup>, seja na natureza dos dados de que o autor se vale, muitos dos quais disponíveis nos estudiosos que o precederam. A radical originalidade do trabalho juvenil de Engels, que torna *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* uma obra absolutamente inovadora, pode ser sinalizada se se considerar que, na literatura europeia de que é parte integrante, é nela que, pela *primeira vez*:

a) a *revolução industrial* ganha a centralidade que de fato lhe cabe para a compreensão de como o capital passa a controlar a *produção* de mercadorias (controle que, como se sabe, assinala efetivamente a emergência da circulação *capitalista* que desloca a circulação simples); não se registra, em toda a literatura contemporânea à obra jovem-engelsiana, nenhuma elaboração que tenha apreendido com similar acuidade o fenômeno industrial<sup>b</sup>;

b) a solução da “questão social” deixa de estar hipotecada à filantropia, à moralização da sociedade ou à realização de receitas utópicas idealizadas por mentes generosas; porque compreendida como implicação necessária do padrão societário embasado na propriedade privada dos meios de produção fundamentais, sua resolubilidade é posta como função da supressão desse mesmo padrão societário;

c) o proletariado não comparece como massa indiferenciada, sofridora e passiva, tal como o visualizavam os socialistas contemporâneos

---

<sup>a</sup> É de notar o que se segue ao título da obra, muitas vezes omitido em edições posteriores: “segundo as observações do autor e fontes autênticas”; o que depois seria designado como “observação participante” foi uma técnica efetivamente empregada por Engels, mas não pode ser considerado como um traço original na composição d’*A situação...* No que toca às fontes, Engels não foi o primeiro a valer-se de relatórios e documentação oficiais (procedimento depois largamente utilizado por Marx n’*O capital* e reiterado por Lenin n’*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*), mas cumpre realçar a significação que confere às informações veiculadas pela imprensa, notadamente aquela ligada ao movimento operário (assinale-se o peso dos informes, e mesmo avaliações, de *The Northern Star*).

<sup>b</sup> Nem, por outra parte, a sua relevância para compreender a *urbanização capitalista* como instrumento particular de segregação social; cumpre notar que os méritos do jovem Engels no trato do urbano já foram adequadamente reconhecidos: fonte de credibilidade considerou a “sua descrição de Manchester [...] uma obra-prima de análise ecológica” (*Current Sociology: Urban Sociology/Research in Great Britain*. Paris, Unesco, 1955, v. 4, p. 30 apud Hobsbawm, op. cit. na p. 9, nota a).

do jovem Engels; este foi capaz de apanhar, na situação proletária, a dinâmica criativa que, saturando a rebeldia e o protesto operários, põe o proletário, o trabalhador urbano-industrial, enquanto *classe*, como *sujeito revolucionário*, qualificado para promover a sua *autoliberação*.

Essas notas seguramente não escaparão ao leitor d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, que, entre outros méritos, é vazada numa linguagem cristalina e elegante e se apresenta com uma arquitetura formal impecável. A centralidade da revolução industrial comparece frontalmente na "Introdução" e no primeiro capítulo<sup>a</sup> – nessas páginas introdutórias, Engels oferece um rápido, mas elucidativo, panorama das transformações que ela opera na Inglaterra entre 1780 e 1840; na sequência que constitui o capítulo inicial do livro, a tematização da revolução industrial tem prosseguimento, mas a ênfase recai na característica *concentradora/centralizadora* da grande indústria – econômica (a concentração da riqueza), social (a polarização e o aparecimento da classe operária) e ecológica (a urbanização). Esta última constitui o objeto do segundo capítulo: o fato de tomar (teórica e analiticamente) a urbanização moderna como variável da industrialização capitalista permite-lhe escapar do empirismo no tratamento que dá às grandes cidades; os dados factuais de que dispõe são articulados a partir dessa chave heurística e fornecem uma perfeita sinopse da modalidade de emergência da cidade que o domínio do capital amolda às suas exigências<sup>b</sup>.

No terceiro capítulo, o leitor encontra a súpula do esquema teórico – derivado da argumentação do "Esboço..." – que estrutura as ideias do jovem Engels em matéria de (crítica da) economia política. A *concorrência* aparece como o fenômeno axial da organização societária posta pelo capitalismo e é dela que deriva a *crise*, cuja periodicidade tipifica o próprio movimento do crescimento econômico. Nesse esquema teórico dá-se a primeira aproximação ao que Marx, n'*O capital*, chamará de "exército industrial de reserva" (que, então, Engels designa como "exército de trabalhadores desempregados"). Ainda nesse capítulo, o jovem Engels engrena uma problemática teoria dos salários, segundo a qual o *salário médio* tende a distanciar-se muito pouco do *salário mínimo* que assegura a reprodução dos proletários, os escravos modernos.

---

<sup>a</sup> Como o leitor observará, Engels não numerou os capítulos do seu livro; meus comentários seguem, porém, a sua ordem.

<sup>b</sup> Interessantes disquisições a respeito do conjunto do pensamento engelsiano acerca da cidade encontram-se no texto de Lefèbvre, *A cidade do capital*, referido na p. 28, nota a.

Se o quarto capítulo enfoca a utilização da reserva de força de trabalho (fornecida pela imigração) manipulada pela grande indústria, o seu objeto real – e de todos os capítulos subseqüentes, até o décimo – é mesmo a situação proletária. Analisando as condições de vida e trabalho dos empregados dos diversos ramos industriais (inclusive a agricultura impactada pelas relações capitalistas), o jovem Engels oferece o painel das misérias operárias – no contraponto, o oitavo capítulo centra-se nas formas de protesto proletário.

O último capítulo, por sua vez, é um primor de análise psicossocial. Não se trata, nele, apenas do comportamento sociopolítico da burguesia, classe que impõe à sociedade a sua ditadura – o jovem Engels, com singelo exemplário, fornece também as pistas mais significativas para a determinação dos mecanismos pelos quais os sujeitos sociais burgueses constroem a sua autoimagem.

Ao leitor arguto não será difícil perceber que há um conjunto de capítulos fundados especialmente em observações pessoais (o segundo, o quarto, o sexto, o décimo primeiro). Quanto às fontes, Engels não as escamoteia e pode-se indicar como mais importantes as obras de P. Gaskell, J. Wade, G. Porter, E. Baines, A. Ure, T. Carlyle, dos irmãos Alison e, ainda, os relatórios de comissões parlamentares e inspetores/comissários fabris, ademais da imprensa.

O mesmo leitor notará que *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* não passou incólume pelas provas do tempo e da história. A obra exsuda um otimismo revolucionário meio ingênuo (mas o autor tinha 24 anos!), paga seus tributos ao eticismo provindo dos utópicos (nomeadamente Owen) e assenta numa concepção ainda pouco concreta da nuclearidade da dinâmica social sob o capitalismo (a apreensão do papel das lutas de classes ainda não alcança adequada determinação). Na verdade, dentre as fragilidades do texto jovem-engelsiano<sup>a</sup>, a mais evidente diz respeito às projeções que esboça, das quais as substantivas gravitam em torno da iminência da revolução social na Inglaterra, que não deixam vislumbrar nem uma alternativa em médio prazo para o capitalismo nem a possibilidade de uma degradação reformista do movimento operário.

---

<sup>a</sup> Parece-me que a já antiga crítica de Hobsbawm (op. cit. na p. 9, nota a) é aquela que melhor trata dos aspectos problemáticos d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Para o grande historiador, há que se lamentar, nesta obra, da pouca atenção dada à influência religiosa sobre os meios operários, da subestimação de formas "autônomas" de cultura proletária e do descuido para com o movimento cooperativista.

Mas não creio que isto deva ser creditado apenas ao grau de maturação das concepções do jovem Engels; antes, hipoteca-se às condições histórico-sociais e políticas nas quais trabalha – a culminação da crise que, em 1842, propiciou a greve geral declarada pelos cartistas e que possuiu, para a Inglaterra, a mesma ponderação que a crise revolucionária de 1848/1849 teve para o continente. Trabalhando nessa ambiência – e, ainda, com a reverberação da *Triarquia europeia* em seu ânimo –, não é de estranhar que o colapso do capitalismo se lhe tenha afigurado como algo de imediato. É o *catastrofismo* com que o jovem Engels encara o presente do capitalismo que, como se vê, funda muito do seu otimismo revolucionário dos anos 1840, o qual o velho Engels reconheceu, naturalmente de bom grado, como um equívoco.

Mesmo vincando e, logo, comprometendo historicamente o texto, essa perspectiva equivocada não lesiona a essencialidade da obra do jovem Engels. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é um clássico pela abrangência com que a pesquisa empírica se articula com a matriz teórica, pela adequação entre o cuidado para com a factualidade e a exigência de generalização. Dir-se-á: uma *obra exemplar* – paradigmática de como um enquadramento teórico orienta a seleção e a análise factual e como esta, tratada dialeticamente, pode incidir na correção daquele. N' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, essa incidência ainda não comparece íntegra – terá lugar na posterior elaboração de Marx e de Engels; mas suas linhas gerais estão contidas na concepção global da obra e, de qualquer forma, a elaboração ulterior seria impensável sem o livro de 1845.

Enfim, há uma outra nota nuclear desta obra do jovem Engels, igualmente assinalada com propriedade por Hobsbawm: “Engels prova-nos que, no domínio das ciências sociais, ninguém pode produzir uma obra científica sem se ter desembaraçado previamente das ilusões da sociedade burguesa”<sup>a</sup>. Com efeito, não é apenas uma opção (de classe) revolucionária que garante na teoria social a alternativa da possibilidade – digamos – científica; neste domínio, entretanto, essa opção parece configurar uma *condição necessária* à pesquisa que se quer qualificar como científica. E a leitura d' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – tornada tanto mais atual na medida em que as ciências sociais descubrem que a

---

<sup>a</sup> Hobsbawm, op. cit. na p. 9, nota a.

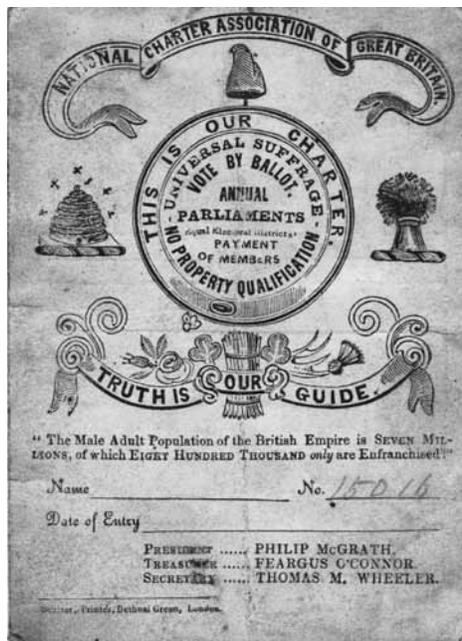
“questão social” continua na ordem do dia<sup>a</sup> – revela o profundo *pathos* com que o jovem Engels atendeu a essa condição, rompendo resolutamente com as constrangedoras restrições que a sua origem de classe lhe impunha.

*José Paulo Netto*

Recreio dos Bandeirantes, maio de 2005

---

<sup>a</sup> O ocaso do século XX – com a crise societária de que são verso e reverso a falência do que imprópriamente se denominou *socialismo real* e a bem-sucedida ofensiva neoliberal contra o chamado *Estado de bem-estar social* – repôs na ordem do dia a problemática da “questão social”. Larga bibliografia voltou a tematizar um objeto que parecia superado, acumulando estudos cuja seriedade é incontestável e dando rédea solta ao ensaísmo que não consegue esconder a sua capitulação frente ao completo esgotamento das possibilidades civilizatórias do regime do capital – de que são emblemáticos, respectivamente, os trabalhos de Robert Castel (*As metamorfoses da questão social*, citado na p. 30, nota a) e de Pierre Rosanvallon (*La nouvelle question sociale. Repenser l'Etat-providence*. Paris, Seuil, 1995). Cito especialmente a bibliografia francesa em função de seus ecos no Brasil, mas esse gênero de documentação tornou-se abundante, a partir dos anos 1990, também em inglês, italiano e castelhano. Em especial, essa bibliografia repercutiu no âmbito de atividades profissionais voltadas para a intervenção social, de que é exemplar o caso do Serviço Social; a título de ilustração, cf. os qualificados trabalhos, em castelhano, de Margarita Rozas Pagaza (*La intervención profesional en relación con la cuestión social. El caso del Trabajo Social*. Buenos Aires, Espacio, 2001) e, em português, de Carlos Montañó (*Terceiro setor e questão social. Crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo, Cortez, 2002) e, ainda, o número dedicado a essa problemática pela revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, *Temporalis* (Brasília, ABEPSS, ano II, n. 3, jan.-jun. de 2001). Vale recorrer também ao sintético, mas eficiente, opúsculo de Alejandra Pastorini, *A categoria “questão social” em debate* (São Paulo, Cortez, 2004).



A Carta do Povo, principal documento de luta dos operários ingleses, que deu nome ao movimento cartista, reivindicava o direito de participação dos trabalhadores no Parlamento.

## ÀS CLASSES TRABALHADORAS DA GRÃ-BRETANHA<sup>a</sup>

Trabalhadores!

É a vós que dedico uma obra na qual me esforcei por apresentar aos meus compatriotas alemães um quadro fiel de vossas condições de vida, de vossos sofrimentos e lutas, de vossas esperanças e perspectivas. Vivi entre vós tempo bastante para alcançar o conhecimento de vossas condições de existência, às quais consagrei a mais séria atenção, examinando os inúmeros documentos oficiais e não oficiais que tive a oportunidade de consultar. Contudo, não me contentei com isso: não me interessava um conhecimento apenas *abstrato* de meu tema – eu queria conhecer-vos em vossas casas, observar-vos em vossa vida cotidiana, debater convosco vossas condições de vida e vossos tormentos; eu queria ser uma testemunha de vossas lutas contra o poder social e político de vossos opressores. Eis como procedi: renunciei ao mundanismo e às libações, ao vinho do Porto e ao champanhe da classe média<sup>b</sup>, e consagrei quase exclusivamente minhas horas vagas ao convívio com simples operários – e estou, ao mesmo tempo, feliz e orgulhoso por ter agido assim. Feliz, porque vivi muitas horas alegres dedicando-me a conhecer vossa verdadeira existência, horas que, de outro modo, seriam dissipadas em conversas fúteis e em cerimônias entediantes; e orgulhoso, porque desse modo pude fazer justiça a uma classe de homens oprimidos e caluniados e à qual, apesar de todos os seus defeitos e de todas as dificuldades de sua situação, só podem recusar estima aqueles que têm alma de negociante inglês; orgulhoso, também, porque assim tive oportunidade

---

<sup>a</sup> Esta dedicatória foi redigida em inglês por Engels para, impressa separadamente da edição alemã de *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, ser enviada a personalidades e dirigentes políticos ingleses.

<sup>b</sup> Isto é, a burguesia; cf., *infra*, o último parágrafo do Prefácio de Engels, datado de 15 de março de 1845.

de defender o povo inglês do inelutável e crescente desprezo produzido no continente pela política brutalmente egoísta, bem como pela conduta geral, de vossa classe média dominante.

Ao mesmo tempo, graças às amplas possibilidades que tive de observar a classe média, vossa adversária, rapidamente concluí que vós tendes razão, inteira razão, em não esperar dela qualquer ajuda. Seus interesses são diametralmente opostos aos vossos, mesmo que ela procure incessantemente afirmar o contrário e vos queira persuadir que sente a maior simpatia por vossa sorte. Mas seus atos desmentem suas palavras. Espero ter recolhido provas mais que suficientes de que a classe média – qualquer que seja a sua retórica – não possui, na realidade, outro objetivo que enriquecer à custa de vosso trabalho, enquanto puder vender o produto dele e deixar-vos morrer de fome quando já não mais puder lucrar com esse comércio indireto de carne humana. O que ela fez para comprovar, como discursa, que vos quer bem? Alguma vez dedicou atenção séria aos vossos sofrimentos? Alguma vez fez mais que consentir em pagar as despesas de meia dúzia de comissões de investigação, cujos volumosos relatórios estão condenados a dormir eternamente sob os montes de dossiês esquecidos nas prateleiras do *Home Office*<sup>a</sup>? Alguma vez chegou a extrair de seus *Livros Azuis* uma só obra legível, que oferecesse a alguém a chance de reunir sem dificuldade qualquer informação sobre as condições de vida da grande maioria dos “livres cidadãos britânicos”? Naturalmente, ela nunca fez nada disso; trata-se de coisas de que não gosta de saber – deixaram a um estrangeiro a tarefa de informar ao mundo civilizado a degradante situação em que sois obrigados a viver.

Um estrangeiro para *ela*, mas não para *vós*, segundo espero. É provável que meu inglês não seja perfeito, mas tenho a esperança de que o achareis inequívoco.

Nenhum operário na Inglaterra – nem na França, diga-se de passagem – tratou-me como um estrangeiro. Com grande alegria, constatei que sois imunes a essa maldição que são a estreiteza e o preconceito nacionais e que, no fim das contas, são apenas *egoísmo em larga escala*. Verifiquei vossa simpatia por quem quer que, inglês ou não, dedique honestamente suas forças em prol do progresso humano; verifiquei vossa admiração por tudo o que é nobre e bom, tenha ou não surgido em vossa terra; verifiquei que sois *homens* – não membros de uma nação isolada, puramente *ingleses* –, membros da grande e universal família da *humanidade*; verifiquei que re-

---

<sup>a</sup> Ministério do Interior.

conhecesteis que vossos interesses coincidem com os interesses do gênero humano. E é como tais, como membros dessa *humanidade "una e indivisível"*, como *seres humanos* no sentido mais pleno da expressão, que eu, como muitos outros no continente, vos saudamos por vossos progressos em todos os campos e vos auguramos um rápido êxito. Avante no caminho que escolhesteis! Muitas dificuldades terão de ser enfrentadas, mas não vos deixeis desencorajar – sede decididos, porque certo é o vosso triunfo e certo é que todo passo adiante em vossa marcha servirá à nossa causa comum, a causa da *humanidade!*

*Friedrich Engels*

Barmen (Prússia Renana), 15 de março de 1845